

**Seria ótimo ajudar o México a se tornar um lugar feliz |
Carta semanal 37 (2025)**



Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Quando eu estava na pós-graduação, assisti a uma aula de Friedrich Katz (1927-2010), um dos grandes historiadores do México de sua geração. Durante a Segunda Guerra Mundial, o pai de Katz, Leo, era

jornalista e participou da resistência antinazista em Berlim, tendo posteriormente contrabandeado armas da França para a República Espanhola em um momento de extrema necessidade. Quando os nazistas invadiram a França, Leo e sua esposa, Bronia Rein – ambos judeus e comunistas – fugiram para o México, onde o governo do presidente Lázaro Cárdenas havia aberto suas portas a qualquer pessoa que fugisse do fascismo ou lutasse pela República Espanhola.

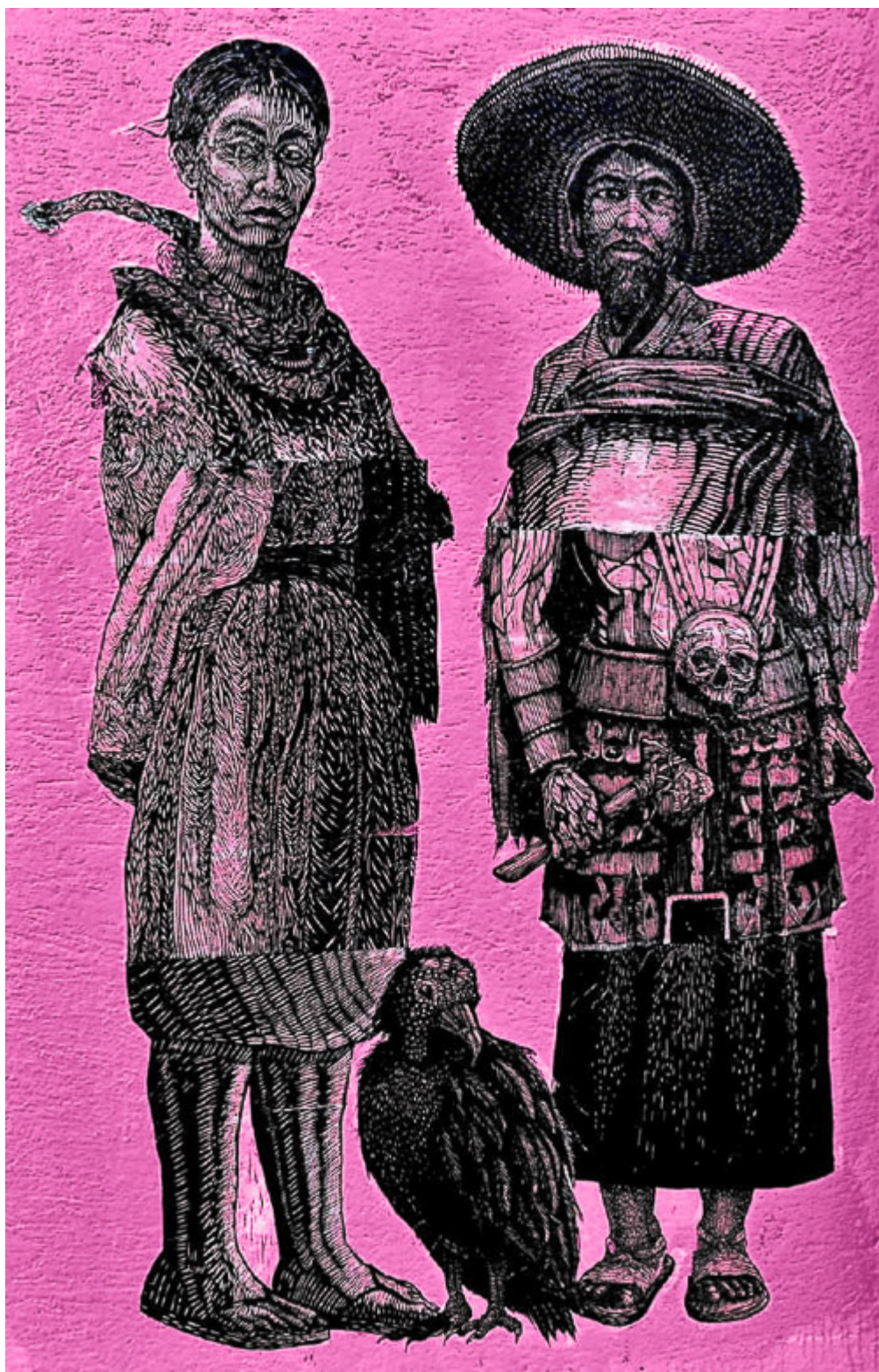
Friedrich Katz cresceu no México e permaneceu grato ao país pelo resto da vida. Em seu seminário sobre a Revolução Mexicana, nos apresentava com histórias notáveis sobre as pessoas comuns que derrubaram o Porfiriato, a ditadura militar do General Porfirio Díaz (1876-1911). Uma das minhas anedotas favoritas era a do dia em que o Exército Libertador do Sul (Ejército Libertador del Sur), de Emiliano Zapata, entrou na Cidade do México com a Divisão do Norte (División del Norte) de Pancho Villa. Ambos entraram no Palácio Nacional no Zócalo, o acharam desconfortável e quiseram voltar para casa, para suas áreas rurais de Morelos (para Zapata) e Durango (para Villa), para continuar a revolução agrária. Katz ria e dizia: “Eu também os teria seguido de volta para o campo”.

Foi o professor Katz quem primeiro me deu um exemplar de *México Insurgente* (1914), de John Reed, um dos grandes feitos da reportagem revolucionária, superada apenas pelo próprio Reed cinco anos depois com *Dez Dias que Abalaram o Mundo* (1919), sobre a Revolução Bolchevique. Reed, que conviveu com Villa e Zapata, incluiu um belo capítulo sobre o sonho de Pancho Villa para o México:

Colocaremos o exército em ação. Em todas as partes da República, estabeleceremos colônias militares compostas por veteranos da Revolução. O Estado lhes concederá terras agrícolas e estabelecerá grandes empresas industriais para lhes dar trabalho. Três dias por semana, trabalharão – e trabalharão arduamente –, porque o trabalho honesto é mais importante do que lutar, e só o trabalho honesto forma bons cidadãos. E nos outros três dias, receberão instrução militar e sairão para ensinar todo o povo a lutar. Então, quando a Pátria for invadida, bastará telefonar do palácio na Cidade do México e, em meio dia, todo o povo mexicano se levantará de seus campos e fábricas, totalmente armado, equipado e organizado para defender seus filhos e seus lares.

Minha ambição é viver minha vida em uma dessas colônias militares, entre meus *compañeros* que amo, que sofreram tanto e tão profundamente comigo. Acho que gostaria que o governo estabelecesse uma fábrica de couro lá, onde pudéssemos fazer boas selas e freios, porque sei como fazer isso. E o resto do tempo eu gostaria de trabalhar na minha fazendinha, criando gado e plantando milho. Seria ótimo, eu acho, ajudar a tornar o México um lugar feliz.

Que lindo sonho.



O México conquistou sua independência da Espanha em 1821. Desde então, tem lutado para romper primeiro com o sistema pós-colonial espanhol, que o manteve como exportador de matérias-primas baratas, e depois com o sistema imperial impulsionado pelos EUA, em cujas garras neocoloniais permanece devido ao seu papel subordinado na divisão internacional do trabalho. Em 2017, o ex-chefe de governo da Cidade do México e duas vezes candidato presidencial (2006 e 2012) Andrés Manuel López Obrador – ou AMLO – publicou em 2018 *La salida: Decadencia y renacimiento de México* [A saída: Declínio e renascimento do

México]. O livro, que se tornou uma espécie de texto de campanha para a bem-sucedida corrida presidencial de AMLO em 2018, estabeleceu a afirmação de que o Movimento de Regeneração Nacional (Movimiento de Regeneración Nacional, Morena) lideraria a Quarta Transformação do México (a “4T”). As três primeiras transformações, escreveu AMLO, foram a Guerra da Independência (1810-1821), a Guerra da Reforma (1858-1861) e a Revolução Mexicana (1910-1917). Ele sustentou que seria inútil para o México passar por uma presidência reformista que apenas promulgaria alterações cosméticas quando o que o país precisava era de uma correção mais profunda e estrutural.

AMLO baseou sua agenda nos períodos mais dramáticos da história mexicana e sugeriu que a promessa da Revolução Mexicana havia sido quase totalmente apagada pelas décadas de subordinação aos Estados Unidos, pela corrupção da plutocracia mexicana e por uma burocracia estatal que havia perdido a vontade política de defender a Constituição de 1917.

Do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, vem o dossiê n. 92, *México e sua Quarta Transformação* (set. 2025), pesquisado e escrito por Stephanie Weatherbee Brito (da **Assembleia Internacional dos Povos**) e Alina Duarte (do **Instituto Nacional de Educação Política do Morena**). A meu ver, este é o primeiro texto do gênero a situar adequadamente o movimento Morena em contexto histórico e explicar o processo social da 4T. O dossiê mostra como os protagonistas do movimento Morena levaram trinta anos para construir um projeto político a partir da longa jornada de Cuauhtémoc Cárdenas para reformar a política mexicana e retornar às políticas e promessas da presidência de seu pai, Lázaro Cárdenas (1934-1940) – o mais à esquerda dos 64 presidentes mexicanos antes de AMLO e agora Claudia Sheinbaum. Essas políticas – conhecidas como cardenismo – incluíam a independência da interferência dos EUA, o controle dos recursos do México (incluindo a nacionalização do petróleo em 1938), a reforma agrária (incluindo a criação de escolas rurais para minar o poder dos proprietários de terras e a introdução de unidades coletivas de produção agrícola familiar conhecidas como *ejidos*) e o avanço social (por meio da expansão do acesso à educação, do apoio aos sindicatos e do respeito às ricas culturas indígenas do México). A 4T do Morena é construída sobre os princípios de soberania e dignidade do cardenismo, agora renovados para o século 21. O dossiê fornece um texto didático para pessoas interessadas na jornada do México: tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos (*¡Pobre México! Tan lejos de Dios, y tan cerca de los Estados Unidos*) – a frase proferida por Porfirio Díaz antes de ser derrubado pela Revolução Mexicana.



Cada um dos períodos de transformação do México também produziu arte e cultura notáveis, e o 4T não é exceção. As obras de arte neste dossiê são da série de murais Los Nadies, criada pelo Colectivo Subterráneos em Oaxaca, México. Fundado em 2021 para democratizar a arte como ferramenta de transformação social, o coletivo se inspira na tradição gráfica mexicana – do Taller de Gráfica Popular (Oficina Gráfica Popular) ao muralismo mexicano – bem como no Movimento Popular de Professores de Oaxaca de 2006. Inspirada no poema homônimo de Eduardo Galeano, a série inclui gravuras e murais que destacam povos indígenas e

mestiços esquecidos pelo domínio colonial e pelo capitalismo moderno, confrontando a dívida histórica com os marginalizados e amplificando vozes que exigem justiça em um México em transformação.

Enquanto novos movimentos produzem novos tipos de arte, também há artistas cujo trabalho dá voz a esses movimentos. O poeta Enrique Márquez Jaramillo (nascido em 1950) desenvolveu um estilo ácido e surrealista que espelhava as revoltas que abalaram o México durante sua vida e a corrupção burocrática arraigada de sucessivos governos. Em 1996, ele escreveu *Breve dicionário para mexicanos furiosos*, que transmitia o pulso de uma população que vivia sob a miséria do ataque neoliberal. Esse espírito travesso retornou em 2012, quando Jaramillo organizou a Cúpula Mundial de Indignados, Dissidentes e Insurgentes, na Cidade do México. Essa coalizão de correntes dissidentes e indignadas se uniu para eleger AMLO em 2018. Portanto, vale a pena retornar a um dos poemas mais esperançosos de Jaramillo – “Barco a la deriva” [Barco à deriva], parte de sua coleção de 1982 *En el caño del mundo que recaña uyuyuy* [Na sarjeta do mundo que diz Uyuyuy]

É necessário salvar o navio,
sua tripulação,
o carregamento.
Salve-a você que sabe o ofício,
que pode tranquilizar a desordem
das máquinas e o fragor das ondas
com o simples toque de dedos,
com o bálsamo de um sorriso.
Não permita que naufrague
este teimoso barco à deriva.
Ofereça ao fim teu porto,
conduza-o
a seu pier úmido,
e verás como se aquieta
este incêndio voraz
que me consome.

Cordialmente,

Vijay